

4. Comentários finais

É finalizada a tarefa de ler e sistematizar o conceito freudiano de pulsão através das lentes de Spinoza. Acreditamos que a perspectiva adotada, qual seja, a de aproximação entre dois conceitos e entre dois autores de campos distintos, não tenha se constituído como um levantamento forçado de um dos dois pensamentos sobre o outro, e sim que tenha se afirmado antes como uma iluminação recíproca. É este o tratamento respeitoso que procuramos dar a esses dois grandes pensadores. Para além dos intentos de relacionar os conceitos de pulsão e de potência, alcançamos outros dois bastante significativos: o de enxergar que existem causas desconhecidas pelas quais somos movidos (e desdobrar daí a impossibilidade da existência de uma vontade livre), uma bandeira comum à Freud e Spinoza; e o de pensar o “psiquismo como trabalho do corpo”, em alusão à formulação spinozana de que “a mente é a ideia do corpo”.

No decorrer do trabalho, apareceu-nos ainda outra similitude, mais relacionada ao fator operacional de uso e manuseio dos conceitos e, ainda mais especificamente, das obras dos dois autores utilizados. Tanto com Freud, quanto com Spinoza, fomos levados a um movimento de idas e vindas dentro da própria obra. Em Spinoza isso fica mais patente, pois a *Ética* é ela própria composta de maneira recursiva: é “demonstrada segundo a ordem geométrica”. As demonstrações das proposições fazem referência umas às outras, então nenhuma leitura escapa de caminhar em ziguezague pelas partes que compõem esse livro⁵⁴. Tal formato, explica Macherey (1998a), incita o leitor a experimentar por si próprio a validade de um percurso demonstrativo, ao invés de submeter o pensamento a verdades pré-concebidas.

Em Freud observamos retornos feitos por ele a momentos anteriores da obra para que fossem feitas correções, novas observações e outros apontamentos – alterações que provavelmente julgou necessárias a partir do avanço de seus estudos e de sua prática clínica. Segundo Laplanche (1986, p. 16), “a história do pensamento

⁵⁴ Referimo-nos aqui às cinco partes que compõem a *Ética*. Mas nos parece interessante a forma como Deleuze (1993), em *Spinoza e as três “Éticas”*, a divide em três: (1) a das definições, axiomas, postulados, demonstrações e corolários; (2) a dos escólios e (3) a da parte V. É ainda nesse texto que Deleuze diz que a *Ética* é um dos maiores livros do mundo.

freudiano não é nem uma simples cronologia onde as descobertas (clínicas e/ou especulativas) acrescentariam-se umas às outras, nem mesmo uma dialética cujo último estágio coroaria as dificuldades numa suprema síntese”. Para nós, esses movimentos tornam evidentes que o edifício teórico freudiano está de tal forma constituído que suas partes são interdependentes e estão inter-relacionadas.

A coleção das obras completas de Freud traduzida para o português consta de vinte e quatro volumes. A *Ética* de Spinoza é um livro de volume único, dividido internamente em cinco partes. Ainda assim podemos dizer de ambas que são igualmente obras multidimensionais. Elas permitem que sejam pensadas espacialmente. Além disso, os conceitos que abordam são tramados, estão sempre relacionados a outros conceitos e noções. Não é possível tomar em separado um assunto nessas obras, ou operar um recorte num conceito, que não traga amarrado a si outra noção. Falar da potência humana requer o entendimento da potência divina, afinal, aquela é um grau desta. Por sua vez, como falar em potência divina sem pavimentar a estrada da substância única e suas propriedades? Do mesmo modo não é possível tratar da pulsão sem se envolver na trama da metapsicologia, sem tratar dos modos de funcionamento do aparelho psíquico (processos primário e secundário) ou dos princípios que regem esse aparelho. Enfim, as obras de Freud e de Spinoza são compostas por ideias cujos contornos ou fronteiras se encontram superpostos.

Encontrada essa outra similaridade, faz-se cada vez mais necessária a pergunta: em que o estudo de Spinoza ajudou no entendimento do conceito de pulsão, próprio do campo da psicanálise?

Para responder a essa questão, contaremos por duas vezes com o auxílio de Gilles Deleuze. Em 1968a (*Spinoza et le problème de la expression*) Deleuze disse que a filosofia de Spinoza não consiste em nos fazer conhecer uma coisa qualquer, senão em nos fazer conhecer nossa própria potência de compreender. Ao longo desta pesquisa, foi exatamente isso que se desenrolou: na medida em que avançávamos nos caudalosos fluxos da *Ética*, mais compreendíamos o engendramento próprio daquele pensamento e, também e principalmente, o engendramento singular de nossa potência

de pensar. É realmente como relata o “Homem de Kiev”⁵⁵: quando entramos em contato com as ideias de Spinoza, somos levados por um vento forte e é como se portássemos uma vassoura de bruxa.

O segundo auxílio que Deleuze aqui nos presta é em parceria com Félix Guattari. Em *O que é a filosofia?* os dois autores dizem que um conceito filosófico corta o acontecimento, recortando-o à sua maneira. Assim, para eles, “a grandeza de uma filosofia avalia-se pela natureza dos acontecimentos aos quais seus conceitos nos convocam, ou que ela nos torna capazes de depurar em conceitos” (Deleuze e Guattari, 1991/ 2009, p. 47). A partir dessas contribuições deleuzianas, podemos finalmente responder à questão proposta:

O ganho inicial que o estudo de Spinoza representou foi da ordem de uma experiência particular. O mergulho no texto da *Ética* e a compreensão da engrenagem filosófica spinozana foi um bom encontro de tal ordem que gerou o aumento da potência de pensar nesta (e sobre esta) filosofia, mas fez mais ainda, criou dispositivos para que, estando mais ágil, o pensamento pudesse alcançar outros campos e expandir territórios. Segundo Macherey (1998a), talvez fosse esse o efeito que Spinoza pretendesse ao montar seu dispositivo demonstrativo:

colocar de alguma forma o leitor ao pé do muro a ser percorrido, levando-o a retomar, desde o interior, o movimento de pensamento que ele havia promovido, para fazê-lo, por si próprio, funcionar, ao invés de simplesmente tomar conhecimento à distância, de forma desengajada, sem implicar-se (Macherey, 1998a, p. 2).

O segundo diz respeito especificamente ao enriquecimento do conceito de pulsão. Se, como disse Foucault (1983), a teoria freudiana é produtora de discursividades e abarca certo número de diferenças sobre si mesma, este trabalho é, sem dúvida, uma dessas diferenças. Primeiramente, porque qualquer leitura que se faça de uma obra é, necessariamente, uma diferença daquela – é sempre *outra* em relação ao texto escrito pelo autor. E, segundo, porque podemos afirmar a grandeza da filosofia de Spinoza a partir da proposta de Deleuze e Guattari (1991): o conceito de potência nos convocou a pensar outros destinos e possibilidades para o conceito de

⁵⁵ “Homem de Kiev”, personagem da novela *The fixer*, escrita por Bernard Malamud, sobre o qual falamos nos comentários iniciais.

pulsão, tornando-nos capazes de refinar a pulsão freudiana em detalhes e minúcias que vão além do texto do metapsicólogo. E foi ele mesmo, Freud, quem disse que o conceito de pulsão é “a parte mais importante, mas também a mais incompleta da teoria psicanalítica” (1905/ 1996, p. 159). Então Foucault (1983) estava de fato certo – são infinitas as possibilidades de formação de outros textos a partir da (inesgotável) obra de Freud.

Neste próprio trabalho, ainda dentro da perspectiva do campo pulsional aproximado ao da potência, haveria mais textos a formar. A teoria dos afetos montada por Spinoza teria muito a contribuir para o que é o afeto em psicanálise. Freud não chegou a sistematizar objetivamente em sua obra o que entendia por afeto. Laplanche e Pontalis (1982) inclusive referem-se ao termo como “noção”, e não como um conceito propriamente dito. Na época dos escritos metapsicológicos, Freud definiu o afeto e a representação como os dois representantes da pulsão, sendo que o primeiro diria respeito ao que acontece ao indivíduo e à forma como ele percebe e entende o que lhe acontece. O afeto seria a intensidade pulsional experimentada pelo sujeito. Em 1917a, o metapsicólogo questiona o que seria um afeto no sentido dinâmico e responde a si mesmo:

Em todo caso, é algo muito complexo. Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme dizemos, dão ao afeto seu traço predominante (Freud 1917a, p. 396).

A dificuldade encontrada para circunscrever esse assunto em Freud poderia ser amenizada com a ajuda do que foi produzido por Spinoza. A terceira parte da *Ética* (‘A origem e a natureza dos afetos’) é inteiramente dedicada a esse assunto. Se para a teoria psicanalítica o incremento dessa noção é relevante, para a prática clínica é fundamental. Na teoria spinozana, o desenvolvimento da teoria dos afetos é essencial para o pensamento político, para a compreensão racional a partir da dinâmica afetiva e para o estabelecimento das distinções éticas, e não morais, dos modos de vida.

Se Spinoza é o filósofo da potência, isto é, se construiu uma teoria da potência em oposição à moral como teoria dos deveres num combate ao finalismo, podemos

pensar em Freud como o psicanalista (ou psicólogo) da pulsão. E sua teoria também construída como um combate ao finalismo. Sexualidade e reprodução podem muitas vezes convergir, mas não necessariamente. A sexualidade em Freud é perversa e plural. Isso se deve à pulsão, entendida em sua dimensão intensiva, disjuntiva, plástica e criadora.